

LEITURA DA MATERIALIDADE E ETNOGRAFIA: UMA SEMIOLOGIA DA REALIDADE

Priscila Andrade¹
Nilton G. Gamba Junior²

Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio
Departamento de Artes e Design / Laboratório de Design de Histórias – Dhis

RESUMO: Este artigo aborda a importância de se observar, registrar e analisar a materialidade do universo de um grupo social, para interpretação do processo de construção de personas sociais através do vestir. O recorte temático é o da cosmologia do grupo social dos Bate-bolas, foliões mascarados típicos do carnaval de zonas periféricas do Rio de Janeiro. Ao olhar para estes brincantes, demonstramos como uma análise na área do design pode somar etnografia e “semiologia da realidade” para potencializar a compreensão de subjetividades em seus processos simbólicos e criativos.

PALAVRAS-CHAVE: design; etnografia; semiologia da realidade; persona; Bate-bolas

ABSTRACT: This article addresses the importance of observing, recording and analyzing the materiality of the universe of a social group, for the interpretation of the process of building social personas through dressing. The thematic cut is that of the cosmology of the social group of *Bate-bolas*, masked revelers typical of the carnival of peripheral areas of Rio de Janeiro. When looking at these players, we demonstrate how an analysis in the design area can add ethnography and “semiology of reality” to enhance the understanding of subjectivities in their symbolic and creative processes.

KEYWORDS: design; ethnography; semiology of reality; persona; *Bate-bolas*

Introdução

Este artigo objetiva apresentar as contribuições do método etnográfico para a pesquisa em design. Para isso, foi fundamental iniciar com uma discussão sobre a etnografia situando-a em relação à metodologia de investigação que vem sendo aplicada à tese de doutorado, intitulada: *A persona no cotidiano e a persona no carnaval: Bate-bolas cariocas e o aspecto identitário da moda*. Em seguida, descrevemos a abordagem empírica aplicada ao objeto de

1 PUC-Rio / priscila.a.andrade@gmail.com

2 PUC-Rio / gambajunior@gmail.com

estudo da tese: os Bate-bolas³ e as Bate-boletes⁴. Nossa reflexão parte da análise sobre o fantasiar no carnaval de uma forma ampla e o relaciona com o vestir cotidiano. O diálogo entre vestuário e fantasia possibilita um percurso interessante para analisar o processo identitário da moda, considerado como forma de criação de personas que manifestam, em sua aparência, um recorte da estética de vestir da periferia carioca. Por fim, demonstramos a análise da primeira persona escolhida, Anderson de Souza Mangorra, mais conhecido como Buda da turma⁵ *Fascinação*, do bairro de Oswaldo Cruz.

Cariocas, os autores deste artigo compartilham de um *continuum* cultural com estes foliões (por serem moradores da cidade e participantes dos festejos carnavalescos), embora seus lugares de fala não coincidam com os de seus interlocutores. Por isso, entendemos que a metodologia deveria, em cada fase da pesquisa, aplicar diferentes técnicas que possibilitassem novos níveis de imersão na realidade dos Bate-bolas, assim como agregar suas vozes em diálogo com a nossa voz - deixando emergir tanto as diferenças como as proximidades.

Assim como Miller diz que os antropólogos não se satisfazem com questionários, grupos de amostragem e experimentos (MILLER, 2013, p. 16), seria possível afirmar que igualmente designers não se satisfazem unicamente com essas técnicas de pesquisa. Isso porque, ao abordar um tema tão rico e abrangente, como é o caso do grupo social dos Bate-bolas, a vivência das situações de campo impôs a necessidade da abordagem qualitativa através da pesquisa empírica. Para a interpretação da complexa produção de sentidos nesse campo, a metodologia de investigação objetiva a leitura da manifestação cultural pela área do design usando o método etnográfico como forma de ampliação dos estudos da comunicação visual - já multisensorial.

Etnografia e design

A etnografia é uma espécie de registro descritivo de uma cultura, comumente usado por antropólogos, mas do qual a pesquisa em design tem se valido. Segundo Peirano (2015), mesmo para antropólogos, como método, a etnografia pode, a cada tema de pesquisa, ser nova, ser

3 Os Bate-bolas são personagens de manifestações de mascarados do carnaval carioca. Os primeiros surgiram na região de Santa Cruz, na Zona Oeste de Cidade do Rio de Janeiro, por volta da década de 1930.

4 As Bate-boletes são as foliãs do gênero feminino que passaram a integrar o festejo nos anos 1990. Suas performances e indumentárias se diferenciam das respectivas masculinas.

5 Ao longo do tempo começaram a se organizar em turmas, comandadas por um “cabeça”. Todos os integrantes vestindo a mesma fantasia, que muda a cada ano, de acordo com tema escolhido pelo “cabeça”.

única para determinado campo e suas questões. Igualmente para designers, a etnografia vai fazer parte de um método definido exclusivamente para uma pesquisa específica.

A grafia de uma etno (uma cultura) não se limita ao seu registro textual escrito. Por isso a antropologia visual se vale da fotografia e do vídeo etnográficos. Mas, estes registros de imagens e sons muitas vezes são apenas evidências da pesquisa de campo. Como designers, podemos contribuir ainda mais em cada etapa do uso da materialidade, expandindo as possibilidades da etnografia: na etapa da coleta, com registros de altíssima qualidade; na etapa de análise, o uso de diferentes métodos e análise da imagem que podem ir da semiologia à iconologia, da Gestalt à métodos historiográficos; e, na etapa da “escrita”, as possibilidades são ainda maiores, ganhando suporte em meios bidimensionais ou tridimensionais.

Para analisar os processos identitários do vestir entre os Bate-bolas, pretende-se descrever seus desejos e valores e seu relacionamento com estes processos. Foi realizada uma imersão na cultura desses pesquisados, por mais que sejam apresentadas aqui apenas situações específicas relevantes para o diálogo nesse artigo. A seguir, demonstramos os passos do processo de investigação, com enfoque nas ações que foram realizadas com a turma *Fascinação* e seu “cabeça” de turma, Buda.

A pesquisa de campo

A primeira incursão a campo, com a pesquisa instituída, foi guiada pelo referencial teórico da obra de Pasolini destacando seu conceito de “semiologia da realidade” (PASOLINI, 1982). Na ocasião fomos a uma festa que aconteceu na quadra da G.R.E.S. Império Serrano, em Madureira, em junho de 2017. A festa, denominada de 5º Oscar dos Melhores do Carnaval 2017, homenageou fantasias de bate-bolas e de alegorias de luxo de escolas de Samba. Sabendo que seria uma oportunidade de estar em contato com muitas turmas, planejou-se a ida a esse evento para a coleta abrangente de informações e registros audiovisuais.

Pasolini define as diferentes maneiras de analisar e observar a realidade e as coisas, a começar pelo “*ur-código*” ou “*código da realidade*” propriamente vivida, passando pelos códigos da realidade observada, imaginada, evocada (verbal), encenada e os diversos códigos de realidade documentada e representada com recursos audiovisuais com movimento ou estáticos, reais ou ficcionais (PASOLINI, 1982, p. 247-250). O autor defende que, para uma análise ampla e contínua da realidade, é importante viver o “*código da realidade*”, mas todas as linguagens que dele decorrem também colaboram para decodificar a linguagem da superfície.

Ao vivenciar o “*ur-código*” ou observar a realidade, o pesquisador semiólogo vai narrar o que viveu ou observou; para isso, precisa recorrer à reconstrução da narrativa, através de uma representação audiovisual e/ou de sua descrição em texto. Aqui Pasolini se aproxima do etnógrafo, quando descreve o modo como narra a realidade vivida ou observada. Para ele, o que se dá no *pragma* não tem início, meio e fim. É somente depois, ao olhar de “longe”, que se pode narrar o que foi vivido ou observado e, então, a narrativa acaba adquirindo uma sequencialidade, possível apenas neste distanciamento. Por isso, Pasolini parte do *ur-signo* e demanda que o semiólogo se lembre dele sempre, mesmo depois de todos os atravessamentos midiáticos. Nesta pesquisa, olhamos de longe e de perto, nos tornamos observadores e participantes, mas também soubemos voltar à análise da empiria. Podemos recorrer à memória dos momentos em que estivemos entre os Bate-bolas em diversas situações, assim como podemos acessar os registros audiovisuais de campo.

Entendemos que não existe “o real” e cada forma de registro pode gerar uma “realidade” particular. Daí a importância de se ir ao evento na quadra do Império Serrano para vivenciar a festa dos Bate-bolas e realizar registro audiovisual de diferentes modos com vistas a extrair de cada um deles os significados que têm potencialidade para fornecer, juntamente com a análise transversal do todo, e também com o apoio das entrevistas igualmente realizadas na ocasião.

Coisas para entender pessoas

Pode parecer óbvio que para entender pessoas precisamos olhar seus objetos, porém a naturalização colabora para que essas relações percam visibilidade e sejam banalizadas, ou que os sentidos produzidos por elas não sejam articulados, como denuncia Pasolini. Por isso, resgatamos às palavras de Els Lagrou: “toda sociedade produz um estilo de ser, que vai acompanhado de um estilo de gostar e, pelo fato de o ser humano se realizar enquanto ser social por meio de objetos, imagens, palavras e gestos, os mesmos se tornam vetores da sua ação e de seu pensamento sobre seu mundo” (LAGROU, 2010, p.1).

Daniel Miller (2013), em concordância com Els Lagrou, diz que “uma apreciação mais profunda das coisas nos levará a uma apreciação mais profunda das pessoas” (MILLER, 2013, p. 12). Miller eleva o *status* da materialidade considerando-o essencial para entender as humanidades em suas práticas e cosmologias. Essa concepção é fundamental para entender os processos identitários através do vestir de um grupo social. É preciso relacionar materialidade

e subjetividade, acompanhando os indivíduos em suas relações interpessoais e entendendo o papel da indumentária nas interações sociais.

Mas como olhar para esses objetos? No ensaio “*Gennariello: a linguagem das coisas*” (PASOLINI, 1990), Pasolini dá uma aula a um jovem aluno e conta para ele como os objetos da sua casa, na infância, resumiam todo o espírito pequeno-burguês da sua vida. Essa lembrança ainda não era sobreposta por outras naquela época, por isso era uma comunicação pedagógica, mas também inarticulada, fixa e, conseqüentemente, autoritária e repressiva. Depois deste primeiro “discurso de coisas”, outros novos emergiram e, por vezes, contradisseram os anteriores até que muitas memórias se somaram. Foi, porém, a partir desse discurso inicial que ele percebeu que existiam outros mundos (PASOLINI, 1990, p. 125-127).

A abordagem de Pasolini parte da semiologia, de olhar as coisas como linguagem, e contempla os contextos nos quais os artefatos são observados. No primeiro exemplo, em “*Gennariello*”, Pasolini (1990) analisa um sistema de objetos que simbolizam um tipo de mundo e menciona os outros contextos que podem contradizer, afirmar e se somar aos anteriores. Já no, “*O ‘discurso’ dos cabelos*” (PASOLINI, 1990), o autor analisa a mudança do significado simbólico dos cabelos longos masculinos, em diferentes contextos, ao longo do tempo, numa aplicação igualmente interessante para essa pesquisa.

Propomos um diálogo entre a semiologia pasoliniana e a proposta de Appadurai (2008) que observa as coisas em seus percursos e trajetórias, ao invés de somente prestar atenção aos vínculos sociais que alguns julgam preceder às coisas; prova que sem falar dos objetos não é possível falar de gosto, distinção, individualismos e identidades sociais. O argumento de Appadurai é que, assim como as pessoas, mercadorias também têm vida social. Ao mesmo tempo, Daniel Miller (2013) busca se distanciar do tipo de análise que enxerga os objetos isoladamente, quando propõe a antropologia aplicada e a reportagem etnográfica para analisar artefatos na relação com as pessoas, sejam estas consumidoras ou não.

A conversa entre as abordagens desses autores expande nosso uso da “semiologia da realidade” proposta por Pasolini na aproximação com o vestir dos Bate-bolas. Seguindo as trajetórias das coisas, podemos interpretar as transações que dão vida a elas. Por exemplo, com as fantasias dos Bate-bolas é interessante observar que antes do carnaval, elas são planejadas, criadas e produzidas. Quando ficam prontas, são cobiçadas e mantidas em segredo; nesse momento, têm alto valor como mercadoria. No carnaval, dão acesso à festa, mas, logo após o festejo, são descartadas, doadas para outro indivíduo que aceita usar uma fantasia de “segunda

mão”. O valor é intensamente efêmero, diferente do que acontecia outrora, quando o número de turmas de Bate-bolas era menor e o valor monetário da fantasia de segunda-mão permanecia alto mesmo após o carnaval.

Ao analisar essas diferentes etapas na vida das fantasias podemos reconhecer as motivações, os valores, a identidade dos brincantes que interagem com elas e lhes atribuem significados, de acordo com Velho (2004):

a maneira de ser e de se comportar, a prática cotidiana de um determinado segmento social, (sic) é a sua forma de expressar a sua participação em um sistema de relações simbólicas e significativas mais abrangentes que denominamos cultura e de que participam outros segmentos que podem ser distinguidos de n maneiras em termos de sua inserção na sociedade (VELHO, 2004, p. 84).

A visão que confere significado a partir dos objetos, como se por si só eles tivessem essa capacidade de atribuir sentidos, é ingênua. Os objetos, em suas características e simbologias, podem informar, mas isso não é suficiente para o entendimento dos processos de significação, de construção de sentido. Isolada, a análise de objetos não informa sobre a sua relação com as expressões sociais das identidades dos indivíduos. Nesse aspecto, é importante olhar para os objetos em ação, o modo como permitem ou, por vezes, constroem determinadas ações.

Devemos, portanto, observar os objetos e indivíduos em ação, mas é preciso somar a esta análise registros audiovisuais. Segundo Pasolini, o "código da realidade fotografada" tem particularidades (PASOLINI, 1982, p. 249). A fotografia é um fragmento, uma visão, por isso o "código da realidade imaginada" tende a atribuir a ela uma sequencialidade, tende a completar a imagem. Sendo assim, sem ter a vivência do momento da ação, a decodificação pode induzir ao erro. No caso de a fotografia ser o testemunho de uma ação assistida, é possível integrar a ela, por memória, o que lhe falta, o movimento.

Por isso, nos eventos vivenciados por nós, produzimos nossos próprios registros imagéticos em alta qualidade e resolução. Igualmente com qualidade foram realizados em estúdio os registros de fantasias isoladas, contra fundo infinito neutro, o que serviu para análise das tipologias e evidência dos materiais empregados.

Figura 1: Fantasia da turma *Fascinação*, carnaval 2018, tema: Todas as escolas de samba (fotos: equipe do Estúdio PUC-Rio / DAD).



No carnaval de 2018 vivenciamos e registramos a saída⁶ da turma *Fascinação*, com diferentes equipamentos e objetivos: fotos pousadas, aéreas e planos conjuntos. Para entender a territorialidade, foi realizado o registro com câmera em *drone*, que documentou toda a ocupação da rua em comparação ao bairro: os movimentos das turmas de brincantes que compareceram à festa e que chegavam realizando a performance dançante. Estes registros também documentaram a movimentação da plateia que aguardava a saída.

Figura 2: Saída da turma *Fascinação*, em 2018. À esquerda, registros com câmera em *drone* (fotos: MarDrone / Acervo Dhis). E à direita, fotos pousadas de Bate-bolas e Bate-boletes vestindo o kit da fantasia. (fotos: Ana Paula Moniz / Acervo Dhis).



Até aqui, apresentamos a base de nosso aporte teórico e as primeiras ações do trabalho de campo. Depois destas ações, muitas outras vêm se sucedendo e outras mais sendo planejadas, incluindo diversas turmas de Bate-bolas e respectivos integrantes. Entretanto, entendemos que

⁶ Saída é o dia que a turma mostra a sua fantasia pela primeira vez no carnaval. Os integrantes se concentram na casa do “cabeça” de turma ou em algum lugar amplo, e com música e queima de fogos o portão se abre e os foliões saem em cortejo pela rua se apresentando para a platéia que aguarda na rua.

esse primeiro panorama colabora para mostrar de onde coletamos os subsídios para o próximo seguinte, o de identificação e análise da persona social, que apresentamos a seguir.

Personas

Dentre as ações da prática etnográfica destacamos a seleção de informantes. Sempre vimos esses interlocutores como “amigos em potencial”, como descreveu Jean Rouch, em sua “antropologia compartilhada”, que seria o conhecimento ou produto gerado do encontro com os interlocutores (GONÇALVES, 2007, p. 52). Em nossa convivência com os Bate-bolas e Bate-boletes, alguns foram selecionados para a etapa final da pesquisa que visa analisar os processos identitários de construção de personas, ao comparar as roupas do dia a dia e as fantasias do carnaval, sempre levando em consideração as situações de uso.

As personas desta pesquisa são traduzidas e interpretadas. Estamos chamando-as de personas sociais, e elas são visualizadas através da materialidade do vestir como produção estética que espelha a subjetividade. Esse processo de entendimento das personas se assemelha ao da criação de “heróis”, de acordo com Bakhtin (1997). O autor descreveu que se basearia em conhecimentos por vezes autobiográficos e que definiria em profundidade as características de aparência, comportamentos, personalidade, até chegar a um momento de tanta coerência e completude que esse herói se separaria do seu criador. Narradas as situações que o herói vivencia, ele age “independente” do autor. O conceito de “exotopia” de Bakhtin (1997), também colaborou para a seleção de personas. Essa noção é empregada na análise da ficção e também, em analogia, à vida real. Ela diz respeito à nossa capacidade de, com empatia, assumir a visão do outro e conferir finitude e completude tanto às pessoas, quanto ao entendimento das motivações de suas produções estéticas.

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2011, p. 23).

Conforme Velho (2014) descreve, o indivíduo, nas sociedades complexas, transita por diferentes "províncias de significados" (VELHO, 2014, p.33) relacionadas aos ambientes de trabalho, festa, lazer, etc. Ele desenvolve o conceito de “projeto” de vida, que é realizado pelo indivíduo ao acionar ações, trejeitos, falas para atuar nesses ambientes. A aparência de um indivíduo, o modo como ele se veste é essencial para a interação social. Além do tratamento estético do corpo (cuidado com cabelos, unhas, dietas...), a escolha do vestuário confere uma aparência específica para os indivíduos no desempenho de seus papéis sociais. Mesmo Velho

não falando da aparência, penso que seria interessante ampliar o conceito de “projeto” de vida, para abarcar o processo de dar visibilidade a subjetividade. Entende-se que essa aparência não necessita ser estável, mas é coerente com o indivíduo que aciona um repertório simbólico através das escolhas mais ou menos conscientes para o seu vestir, para transitar pelas províncias de significado.

A persona social do Anderson de Souza Mangorra, mais conhecido como Buda, o cabeça da turma *Fascinação*, que apresentamos a seguir, é resultante da realização de vários “mapas” de análise de produção do festejo, da performance dançante, da vestimenta e da fantasia, que foi sobreposta a camada da história social desse indivíduo para entender suas trajetórias, motivações e relevâncias. Com o mesmo propósito, foram feitas entrevistas em profundidade para que ele pudesse narrar algumas de suas histórias de vida, falar do passado, planos futuros e dos “projetos” de vida, assuntos possibilitados pelo vínculo de amizade e de confiança mútua que estabelecemos. O roteiro das entrevistas sempre foi aberto e semiestruturado e sua elaboração foi inspirada na pesquisa de Jessé de Souza (2009) para o livro *Ralé brasileira: quem é e como vive*.

Descrição da primeira persona

Anderson de Souza Mangorra, nasceu em 1974 e passou a infância em Realengo. O apelido, Buda, ganhou na época da escola, por que já era acima do peso e gostava de sentar com a pernas cruzadas. Ainda quando criança, com 7 anos de idade, seus pais se mudaram para um terreno, onde funcionava também a oficina de lanternagem do pai, em Oswaldo Cruz. Filho único de Sueli e Tuninho, mas com três meios-irmãos paternos. Descreve sua infância e adolescência como maravilhosas, dentro das possibilidades que os pais podiam dar a ele. Nos primeiros dois anos em Oswaldo Cruz, ainda não tinham casa, ele dormia com o pai em uma Rural, e a mãe dormia em um Fusca. Todo o terreno era ocupado por carros que estavam sendo consertados. Com 9 anos, nos fundos do terreno, foi erguida uma casa de madeira, onde moravam até a época em que serviu a aeronáutica. Pediu para largar os estudos quando foi reprovado na sétima série e foi então que o pai e ele começaram a construir sozinhos a casa de alvenaria, aos poucos, conforme o dinheiro ia entrando, cômodo por cômodo. Além disso, o pai logo o obrigou a começar a trabalhar. Para entrar na aeronáutica conseguiu um diploma de primeiro grau vendido, mas sabendo que isso não era correto, logo que concluiu seus estudos em um curso supletivo, apresentou o novo diploma no quartel.

Gosta muito de carnaval. “*Sou mangueirense roxo! Mas o carnaval sempre foi Bate-bola!*” Nunca vestiu outro tipo de fantasia. Ainda em Realengo, saía de Bate-bola, sempre de segunda mão, comprado em armarinho. “*Isso foi antes de ser super produção. Não tinha esse negócio de saída cheia. (...) As pessoas tinham medo de verdade do Bate-bola. Saía todo mundo correndo.*” A primeira turma da qual participou foi a *Havita*, de 1996 a 1998. Precisava ser indicado para ser aceito na turma do RG, Reginaldo, “cabeça” da *Havita*. Os amigos quase não acreditavam, porque isso era uma conquista e essa turma era temida. “*Havita botava medo. Tinha fama de turma de bandido. Mas não era nada disso. O pessoal era exaltado, mas não tinha ladrão. Ninguém roubava ninguém. Nego dava bixigada mesmo! Hoje em dia essa fase da revolta já passou. Que tem, tem, mas é caso isolado.*”

Com o que aprendeu ao longo de sua participação na turma *Havita*, fundou a *Fascinação* em 17 de abril de 1998. O primeiro tema da sua turma foi o Wolverine, um dos heróis da Marvel. Por isso, a mãe e o pai de Buda também ganharam apelidos: Tuninho Wolverine e Sueli Tempestade. O pai sempre fez questão de abrir o portão da casa deles nas saídas da turma. Os dois eram muito queridos pelos amigos e a casa vivia cheia. “*Sempre tentei fazer as reuniões aqui em casa, para ela ter companhia. O pessoal adorava ela! Até hoje nego fala! Nego sacaneia!*”

A persona e a dimensão de faixa etária e gênero

Buda adora cinema e tem uma lista de filmes para assistir: *Aladdin*, *Rei Leão I e II*, etc. Quando tem maratona na HBO assiste direto, por exemplo a série de filmes *Piratas do Caribe*. Seu sonho era viajar para os parques da *Disney* quando completasse 45 anos. Adora super-heróis como os *X-Men*, principalmente o *Wolverine*, versão mutante do Logan, personagem com superpoderes que, segundo Buda, diferem dos poderes normais, como voar e lançar raios. Considera-o especial porque tem poderes mais “*humanos*”, e é “*um paizão na escola do Professor Xavier*”, papel que Buda assume como cabeça de turma, pois se sente responsável pelos seus integrantes.

Os temas das fantasias da sua turma, ano a ano, refletem esse gosto pelo universo infantil da cultura de massa americana. O primeiro carnaval que acompanhamos da sua turma, em 2018, teve como tema: Todas as escolas de samba, com a *turma do Cebolinha* de vestida de sambista. O tema de 2019, quando a turma completou 20 anos, foi o *Wolverine*, que desde que a turma foi fundada, foi definido como símbolo da mesma. O tema do próximo carnaval, em 2020, será

A *Branca de Neve e os Sete Anões*. Entre os temas que a turma já teve estão os *Tundercats*, *Mortal Combat*, *Magneto*, *Mickey Pirata* e *Wolverine* muitas vezes. Buda não gosta de retratar a realidade nas fantasias, e, como cabeça da turma é sempre ele quem propõe os temas. Prefere que sejam temas do universo infantil, pois são mais coloridos e divertidos.

Podemos nos questionar se o retorno a temas infantis na fase adulta indica exclusões dos sistemas de consumo de parte dessas produções, como assistir aos filmes, mas não ter os produtos licenciados ou não visitar os parques temáticos. Esses são alguns exemplos da interação dúbia que envolve imersões e exclusões simultaneamente. Ainda que ele tenha uma visão idílica da sua infância, nos relatando que essa época foi maravilhosa, o que contribui a encontrar na fala de Buda uma hipervalorização dessa fase da vida, sobressaindo a visibilidade de uma avaliação positiva. A história pessoal de Buda, entretanto, traz um aspecto social recorrente na cultura masculina e que encontramos em vários dos sujeitos dessa pesquisa, uma permissividade maior para o lúdico, na idade adulta, quando as brincadeiras e padrões da infância tendem a se manter lícitas para homens que permanecem adorando super-heróis, jogos e personagens infantis com modelos de consumo bem distintos dos grupos femininos – o que ficará cada vez mais evidente também nas descrições das demais personas dessa amostragem.

Quanto ao vestuário, não identificamos esse repertório do mundo infantil nas suas roupas cotidianas. É presente somente nas fantasias de carnaval, ritual voltado às permissividades, inversões e vivência de outros papéis sociais, embora esteja no seu cotidiano como consumo de entretenimento de uma forma geral. No caso do Bate-bola, por usar máscara, e vestir uma roupa que esconde todo o seu corpo, propicia-se esse lugar para a representação, ao esconder a identidade. Bem diferente da Bate-bolete, cuja fantasia tem modelagem ajustada ao corpo, decotes e ausência de máscara. No carnaval de 2018, observamos na saída da *Fascinação* que a performance masculina é bastante intensa e brincalhona, mais dançante, com movimentos fortes e amplos, enquanto a performance feminina é mais contida nesses aspectos.

Antes mesmo que o questionássemos sobre o assunto, ele enumerou seus ídolos para o vestir. Falou que admira muito o estilo do Marcelo Falcão, ex-vocalista do *O Rappa*, e do Mano Brown, rapper do *Racionais MC's*. Também mencionou o Will Smith, ator e rapper americano. “*Will Smith também é boa pinta e muito elegante, mas terno pra mim só em casamento!*”

É consumidor da estética do Rap e do Hip hop por que gosta do estilo muito marcado por roupas de modelagens amplas, estilo esportivo que faz referência aos uniformes de basquete americano, e que usa muitos acessórios, como bonés, óculos de sol e joias robustas. Buda

esclareceu que gosta verdadeiramente do estilo, e não o veste apenas porque encontra roupas do seu tamanho.

Pra gente fofa é difícil achar roupa. Roupa você acha. Mas roupa legal, é outra história. Vai ficar que nem um bombom. E gordo apertado não existe. Mas hoje com internet, MercadoLivre, plus size, roupa de hip hop que a modelagem é grande, não só porque é grande mas porque é legal, eu me viro. Não ligo para marca, mas faço questão de marca de tênis. Até porque sou pesado e tal, tem que ser uma marca bacana. Mas roupa, não ligo mesmo. (informação verbal)⁷

Devido a sua experiência como líder de turma, por ter contato com as costureiras que confeccionam fantasias e por frequentar as lojas que vendem tecidos, ele encomenda a confecção de algumas roupas, bermudas, regatas, até mesmo com a capitular F de *Fascinação* bordado no peitoral da regata. Assim pode ter o modelo de roupa que quer, adequado às suas medidas.

Figura 3: Da esquerda para a direita: regatas de kits de fantasia com estampas do Logan, Wolverine e Pantera Negra. (fotos: Nathália Valente / Acervo DHIS).



Essa categoria estética inspira a produção dos kits⁸ de fantasia, cujo uso não é exclusivo no carnaval e por isso se faz presente no vestir cotidiano. As regatas e bermudas do kit lembram igualmente os uniformes de basquete, devido a modelagem e o material empregado na confecção. Possivelmente essa soma da estética do esporte com a do Rap confere o valor ao tênis de marca autêntica, da qual faz questão. Em várias ações da pesquisa de campo que aconteceram fora do período carnavalesco, notamos que vestir a regata do kit é recorrente. Buda possui mais de uma regata com estampa do *Wolverine* e do *Logan*, tema frequente para as fantasias da *Fascinação* e, por consequência, do kit sempre acompanha a fantasia.

Ele adora acessórios, tem vários bonés, colares, medalhas, braceletes e óculos de sol. Estes itens que fazem parte também do repertório do vestir cotidiano compõe igualmente os

⁷ Entrevista concedida por Mangorra, Anderson de Souza. [jun. 2019]. Entrevistador: Priscila Andrade. Rio de Janeiro, 2019.

⁸ O kit é um conjunto (bermuda e regata) que se veste por baixo da fantasia. Pode integrar o kit uma caneca e um pequena bolsa. Todas as peças personalizadas de acordo com o tema da fantasia.

looks dos seus ídolos. Além disso, quando estávamos fotografando seus acessórios, ele sugeriu pousar vestindo os chapéus, para que fossem melhor visualizados nas fotos. Sem nenhuma direção para as poses, ele espontaneamente fez variações, que lembram muito as poses dos seus ídolos para fotos de divulgação.

Figura 4: Buda, “cabeça” da turma Fascinação (fotos: Nathália Valente / Acervo: DHIS).



Com relação a sua notável preocupação com a produção da sua aparência, perguntamos sobre os seus cuidados com cabelo e barba, ao que respondeu:

O cavanhaque é o poder do homem. Um homem sem cavanhaque não é ninguém. Corto há muitos anos com uns irmãos angolanos. Uma dupla. Eles são um barato e cortam do jeito que a gente quer. Tem um detalhe do pé do cabelo. A geometria do quadradinho. (...) Tem que ser! Cabelinho na régua! (informação verbal)⁹

Ele sempre gostou de escolher e decidir sozinho o que ia vestir. A mãe e a ex-namorada, davam opinião, mas ele não ligava para o que elas falavam. *"Tenho kits! Kit social, kit hip-hop! (risos) Sou excêntrico! Gosto do tênis mais colorido. Vou coloridaço! Quase gay, carnavalesco! Nada contra os gays! Adoro, respeito e somos amigos."* Usou a expressão *kit* para se referir aos conjuntos ou *looks* que nos apresentou na ação de análise do seu armário.

A persona e a dimensão mística do carnaval

O carnaval dos Bate-bolas tem muito em comum com o carnaval das escolas de samba, haja visto que ambos são festejos cariocas, que surgiram nos anos 1930, protagonizados por foliões que compartilham de semelhante *status* social. A estética é repleta de cores, plumas, paetês e *glitter* empregados nas fantasias de ambos os festejos. Os rituais prezam pela manutenção de elementos fixos, mas valorizam a inovação nos elementos cambiáveis, guiada pelo enredo, no caso das escolas de samba, e do tema, no caso dos Bate-bolas. Tal característica

⁹ Entrevista concedida por Mangorra, Anderson de Souza. [jun. 2019]. Entrevistador: Priscila Andrade. Rio de Janeiro, 2019.

renovadora, provavelmente, é uma das razões que confere vida longa a esses rituais. Além das fantasias, os kits de Bate-bolas, trazem na composição das estampas a estética das camisas de escolas de samba, que por isso se faz presente no vestir cotidiano do Buda.

Interessante perceber que esta materialidade típica do carnaval convive como devoções místicas. Na pesquisa de campo, percebemos uma forte devoção ao São Jorge, da Igreja Católica e de vários cultos sincréticos, que foi tema da turma *Fascinação* em 2014. Buda possui um medalhão de prata como o santo, assim como várias regatas. Sabemos que desde a origem, as escolas de samba têm ligação com as religiões de matriz africana. As batidas sincopadas dos sambas enredo denotam a raiz afro-brasileira (QUEIROZ, 1999, p. 54-56). Ainda hoje, é possível ouvir nos sambas, os pontos de umbanda e candomblé, entoados como pedido de proteção aos orixás. Soma-se a isso o fato que que na época da escravatura, os escravos proibidos de adorar seus orixás, adotaram São Jorge que passou a representar o Ogum nas religiões de matriz africana. Este sincretismo religioso acaba impregnando igualmente as manifestações carnavalescas de uma forma geral.

Figura 6: Detalhes da fantasia da Turma *Fascinação*, carnaval 2018, tema: Todas as escolas de samba, evidenciam materiais empregados na confecção: plumas, glitter, lantejoulas e tecidos metalizados. (fotos: equipe do Estúdio PUC-Rio DAD / Acervo DHIS)



Figura 5: Da esquerda para a direita: regatas de kits de fantasia com estampas de São Jorge e respectiva oração. (fotos: Nathália Valente / Acervo DHIS).



Considerações finais

Verificamos, através da análise do primeiro sujeito, que a metodologia desenvolvida colabora para tornar acessíveis processos subjetivos de elaboração da aparência de personas sociais. Revelamos como as diferentes dimensões das relações entre vestuário e fantasia permitiram uma metodologia inovadora ao olhar para aspectos comunicacionais de uma dada cultura material. Desta forma, visamos ampliar o corpo de estudos sobre os processos identitários da moda. Ao todo, na tese serão analisadas seis personas: três homens e três mulheres. Elas foram definidas levando em consideração fornecer uma amostragem do amplo contexto da manifestação, sendo as que mais se destacaram por sua exemplaridade com relação à sua aparência diferenciada, à sua importância no grupo, ao seu envolvimento com o festejo, mas sobretudo pelo vínculo de amizade que se estabeleceu ao longo dos nossos encontros, pela disponibilidade e riqueza de expressão nos diálogos estabelecidos. A análise dessas personas nos fornecerá uma amostragem do grupo social, que por pertencer a uma sociedade complexa, compartilha visões de mundo e transita por diferentes espaços.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421 p.
- GELL, Alfred. Arte e agência: uma teoria antropológica. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- LAGROU, E. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/elslagrou.html> , acesso em: 21 mai. 2019.
- MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material. 1a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 244 p.
- PASOLINI, Pier Paolo. Empirismo herege. Lisboa: Assirio e Alvim. 1a ed. 1982.
- PASOLINI, Pier Paolo. O “discurso” dos cabelos. In: Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense. 1 ed. 1990. 37-44 p.
- PASOLINI, Pier Paolo. Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas. In: Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense. 1 ed. 1990. 125-136 p.
- SOUZA, Jessé; colaboradores André Grillo ... [et al.]. Ralé brasileira: quem é e como vive. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 483 p.
- VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: Individualismo e cultura: notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 13-37.